

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	50 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 16 de abril de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	18000 "

RESUMO

A fortificação improvisada e o tiro moderno, por Miguel Garcia. — Os que trabalham. — Carreira do tiro. — O tiro nacional, por Ed. Jantei. — As recompensas do tiro na Alemanha. — Caçada ás raposas. — Premio do Imperador da Russia. — As codornizes, por J. W. — O tiro de pé. — O defeso. — As armas portateis. — Sociedade de tiro de Lyon. — O elephante.

A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA

E O TIRO MODERNO

Ao encetarmos os nossos artigos sobre esta parte da arte da guerra, tivemos desde logo em mira, provar a grande utilidade de uma aperfeiçoada instrução pratica sobre a fortificação dos campos de batalha na arma de infantaria não só com uso já conhecido da ferramenta de parque, mas ainda e principalmente com o emprego dos utensilios portateis tão usados hoje pelos mais instruidos exercitos.

É difficil se não quasi impossivel approximar-se o assaltante d'uma posição activamente defendida pela infantaria e para a conquistar é forçoso affrouxar toda a resistencia pela preparação do ataque da artilheria. Esta tambem, quando applicada sobre os aggressores a descoberto, lança uma chuva de projecteis que, desfazendo-se em centenas de estilhaços, levam a morte e a desolação ás fileiras. Torna se, portanto, indispensavel aproveitar, sem a menor dilação, qualquer alto forçado debaixo do fogo, para procurar attenuar o effeito mortifero dos fogos, construindo logo os abrigos rapidos de terra, d'onde se conclue que só a ferramenta portatil, conduzida pela propria infantaria, levantará as barreiras defensivas no proprio logar da acção. Terá ella defeitos e estorvos, mas, a sua appropriação immediata pelo seu facil transporte a par da espingarda, suplantarão todas as outras contrariedades e lhes darão toda a vantagem de occasião.

A infantaria, a arma assaltante pela lei dos combates, não pôde exceder a sua marcha para a frente além do que pedem as forças humanas. Tem de avançar successivamente por lanços; tem de parar para fazer fogo, para destruir os obstaculos, para vêr e olhar. Aventurando-se na zona ignota da destruição sem precauções, perderá a ligação e a força moral tão precisa ao atacante, acabando por se perder.

É a topographia das zonas defensivas que relembra a vantagem da melhor maneira de levantar os abrigos; é a tática moderna que assim o exige; é, finalmente, a historia da guerra que ensina e rememora os factos para que elles sejam conselho e doutrina ás tropas,

ainda as mais experientes e habitudas ás praticas das batalhas.

Transportemos-nos ainda ás duas ultimas campanhas — 1870 e 1877, aonde se devem beber os exemplos mais frisantes do grande poder dos fogos e, como consequencia, a applicação da fortificação dos campos de batalha.

«Em 1870 na defeza de Saint Privat a 18 de agosto, uma brigada do corpo do general Canrobert mostrou o poder dos fogos feitos a coberto e a efficaz distancia, contra tres brigadas da guarda prussiana, que marchando a peito descoberto, quasi foram aniquiladas.»

«Eis o facto historico: Tres brigadas do exercito prussiano foram designadas para tomar a aldeia de Saint Privat, cujo ataque tinha de antemão sido preparado por 84 peças de campanha. As tres brigadas avançam em tres linhas de columnas de companhias com 18 metros de intervallo, por um terreno sem abrigos de declives doces e dominado pela povoação que era defendida por uma brigada franceza, que, sem a occupar se achava estabelecida nos arredores em 300 metros de circuito.

«Esta brigada tinha setteirados os muros e construido trincheiras abrigos nos pontos mais convenientes, de modo que, enquanto a aldeia era batida pela artilheria, a infantaria que se achava entrincheirada, nada soffreu e o moral dos soldados era excellente. Logo que os francezes viram avançar as columnas prussianas e ainda a 2:000 metros, romperam o fogo mesmo sem ordem e até ás distancias de 1:200 metros os effeitos foram insignificantes. Logo, porém, que os assaltantes passam de 1:200, 1:000, 900, 800 metros os defensores foram empregando seus tiros de modo, que, se elles erram a primeira linha, ferem a segunda ou a terceira; os tiros que ricocheteiam no terreno brandamente inclinado, ferem tambem. Nos tiros horizontaes, pelos afastamentos devidos ao vento e a outras causas, as balas que erravam os pontos visados iam ferir as columnas visinhas afastadas 18 a 20 metros. Finalmente depois de meia hora de um fogo terrivel os 12:000 homens da infantaria prussiana estavam reduzidos a 6:000; o movimento de avançar tinha parado; o ataque abortado, os assaltantes com vida, deitados, sem poderem sahir de tal posição e os mais proximos ainda a 600 metros dos entrincheiramentos; forças tres ou quatro vezes superiores aniquiladas e tendo por tumulo um campo de batalha completamente desabrigado.

Os francezes consumiram, é verdade, 270:000 cartuchos, mas destruíram o inimigo, e o consumo de munições, torna-se mais grave para as tropas que marcham e manobram.

«No segundo dia da batalha de Champany, a 2 de dezembro de 1870, a orga-

nização da aldeia de Brie-sur-Marne, ainda que tardiamente feita e bem incompleta, permittiu á esquerda da linha franceza resistir aos ataques dos saxo-nios e impedir o movimento envolvente destinado a cortar-lhes a retirada. As trincheiras levantadas durante a noite sobre o planalto de Villiers e durante o dia da acção, frustraram o ataque do inimigo.

«Vejamos ainda os notaveis artigos da *Revista Militar do Estrangeiro* de 1877-78-79. — *Procédés tactiques de la guerre d'Orient*. Desde o momento em que os turcos occupam uma posição, elles a fortificam logo por meio de trincheiras-abrigos para ahi alojarem seus atiradores. Se elles não são inquietados, tornam mais profundas as trincheiras, constroem espaldões para os canhões e por fim levantam obras fechadas ou abertas, de um grande relevo. Se tem tempo ahi accrescentam travezes contra os fogos de revez e multiplicam as linhas de trincheiras-abrigos, segundo as condições do terreno. Além d'isso, os turcos não carecem nunca de estender suas posições, occupando as alturas visinhas que as dominam.

«Os campos entrincheirados de Lowtcha e em torno de Plewna, provam que nunca ahi se interromperam os trabalhos de fortificações. Em Lowtcha logo que uma posição era fortificada, os turcos ahi constroiam paioes e abrigos blindados para as tropas. Covas abertas nos taludes interiores das trincheiras permit-tiam receber agua e viveres para os defensores. Mesmo depois de um successo favoravel, os turcos não cruzam os braços e continuam trabalhando. A escolha das posições fortificadas nada deixa a desejar e é incontestavel que os trabalhos de Lowtcha e de Plewna foram dirigidos por engenheiros cheios de talento e de experiencia.

(Continúa.)

Miguel Garcia.

(Tenente d'infanteria)

OS QUE TRABALHAM

Com este titulo publicou o nosso distincto collega *O Seculo*, de segunda feira 13 do corrente, um artigo editorial firmado por Nicolau Florentino. N'esse artigo fazem-se ao *Tiro Civil* as mais amaveis referencias, e, agradecendo sinceramente os louvores que nos são dirigidos, affirmamos ao auctor do artigo e á redacção do *Seculo* que lhe deu publicidade, que continuaremos a trabalhar em favor do tiro nacional, por estarmos convencidos de que esta patriotica idéa merece todos os nossos sacrificios.

Nicolau Florentino fez-nos justiça, o que aliás é raro, e por isso lhe agradecemos em extremo penhorados.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 12 do corrente dispararam-se 1210 tiros com a arma de guerra.

A concorrência foi numerosa, achando-se bem representadas as associações de tiro e grupos; pela primeira vez, compareceu na *Carreira*, um grupo composto de 18 atiradores, constituído no *Atheneu Commercial*; d'aqui enviamos as nossas calorosas felicitações tanto ao *Atheneu*, em geral, como ao grupo de atiradores em especial; é um bello grupo de homens todos novos, onde contamos amigos que muito apreciamos. E' animadora a deliberação tomada pelo *Atheneu* e confiamos que servirá de exemplo a outras associações que muito lucrarão em seguir tão patriótica resolução.

Estiveram na *Carreira* os srs. João Henrique Andresen, vice-presidente da direcção e José Dias Alves Pimenta, 1.º secretario da meza da assembleia geral do *Club dos Caçadores do Porto*; estes dois cavalheiros, com quem tivemos occasião de travar relações, estiveram fazendo tiros com a arma K. 8^{mm}; são dois distinctos caçadores a quem o *Club* deve relevantes serviços.

Os socios da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* fizeram 420 tiros, com o seguinte resultado:

Alvo a 200 ^m , 100 disparados	54 acertados
» » 300 ^m , 230 »	162 »
» » 400 ^m , 90 »	59 »
Total... 420 »	275 »

Distinguiram-se entre outros os srs. Moraes Carvella, a 200^m, alvo *figura de joelhos*, 14 em 20; a 300^m, 18 em 25, tiro de pé; a 400^m, 10 em 10, com uma *mouche*.

Luiz A. C. Saraiva, a 200^m, 7 em 10; a 300^m, 7 em 10; a 400^m, 7 em 10, uma *mouche*.

J. Ivens Ferraz, alvo a 200^m, 12 em 20, tiro de joelhos; a 300^m, 10 em 10, uma *mouche*, tiro de joelhos; e 8 em 10, tiro de pé; a 400^m, 8 em 10, uma *mouche*, tiro de joelhos.

J. Consigliere Pedrozo, alvo a 200^m, 11 em 20; a 300^m, 15 em 20, tiro de pé.

Antonio Corrêa Pinheiro, a 300^m, 30 em 40, tiro de pé.

T. Baganha, alvo a 300^m, 5 em 10, tiro de pé; a 400^m, 5 em 10, tiro de pé.

M. Hermmann, alvo a 300^m, 18 em 25, tiro de pé.

Bernardo Rebello, alvo a 300^m, 9 em 10, tiro de pé.

E. Kesselringer, alvo a 300^m, 7 em 10, tiro de joelhos; a 400^m, 10 em 10.

Lucas da Silva, alvo a 300^m, 5 em 5, tiro de pé.

Gil Portocarrero, alvo a 300^m, 18 em 20, tiro de pé; a 400^m, 13 em 20, tiro de pé.

O sr. Roberto Rogenmozer, fez fogo com uma carabina *Colt*, 44, com uma alça feita por este distincto atirador, que deu bom resultado; em 10 tiros a 300^m, acertou todas as balas e a 400^m, em 14 tiros 7 acertados. Como se sabe estas carabinas que são muito justas até 300^m, além d'esta distancia, deixam muito a desejar.

Poule

Fez-se uma em 10 tiros; desempate por agrupamentos; tiro de pé a 300^m.

	Balas acertadas
M. Hermmann	9
Moraes Carvella	9
A. Corrêa Pinheiro	9
Gil Portocarrero	8
C. Pedrozo	8
Ivens Ferraz	8

Empataram no agrupamento os dois primeiros atiradores, desempatando em 5 tiros, ganhou o sr. Hermmann; foi uma das *poules* mais eguaes que se tem feito.

Os atiradores da *Associação dos Atiradores Civis Estrella*, fizeram 190 tiros:

Alvo a 200 ^m 60 disparados	26 acertados
» » 300 ^m 100 »	66 »
» » 400 ^m 30 »	24 »
Total... 190 »	116 »

o fogo a 300^m, foi de pé.

Distinguiu-se entre outros os srs. Bachofeni, alvo a 300^m, 7 em 10, tiro de pé, a 400^m, 10 em 10, tiro de pé.

Thomaz Coelho, alvo a 400^m, 9 em 10, tiro de pé.

João Diniz, alvo a 300^m, 9 em 10, tiro de pé.

Chatillon, alvo a 300^m, 8 em 10, tiro de pé.

T. Vianna, alvo a 300^m, 8 em 10, tiro de pé.

Guilherme Henriques, alvo a 300^m, 9 em 10, tiro de pé.

Do *Grupo Lisbonense* não podemos obter as percentagens.

Do *Grupo do Atheneu*, 18 atiradores fizeram 240 tiros com o seguinte resultado:

Alvo a 100 ^m , 180 disparados	153 acertados
» » 300 ^m , 60 »	38 »
Total... 240 »	191 »

Distinguiram-se a 300^m, os srs. Adelino Alves, 7 acertados em 10 disparados.

Alberto Affonso Lemos, 8 em 10.

Julio Jesus Gomes, 8 em 10.

Acompanhava e dirigia o grupo o sr. José Antonio Nunes.

O TIRO NACIONAL

PARA a carta que em seguida publicamos, e que foi inserta em o n.º 14 de 4 d'abril corrente no *Tir National*, chamamos toda a attenção dos nossos leitores. A doutrina d'essa carta é, segundo a nossa opinião, a unica verdadeira e devemos segui-la à risca se quizermos manter illeso o que é nosso e defender o que nos pertence.

A carta dirigida ao redactor do *Tir National* é a seguinte:

« Pontarlier, 2 de março de 1896.

« Sr. redactor.

« Nos vinte e cinco annos decorridos depois que a cruel provação de 1870 nos foi infligida, o que tem feito a França d'essas sociedades de tiro que se haviam fundado por toda a parte e que, animadas, postas no bom caminho, desenvolvidas, aperfeiçoadas durante tão longo periodo, deveriam ter fornecido admiráveis soldados ao paiz, uma infantaria invencivel em todas as batalhas?

« As nossas sociedades de tiro longe de ser a nação preparando-se para o combate são logares de distracção para a classe rica, para aquelles que tem meio de pagar as viagens para os diversos concursos. São imitações do tiro aos pombos de Monaco, mas não uma instituição nacional, uma força consideravel para a França. O fim a attingir pode entrever-se no principio, mas não foi proseguido pelos directores das sociedades, não foi animado pelo governo. Temos um *sport* mais, comparavel ao *foot-ball* ou á *velocipedia*, mas não temos força apreciavel para o serviço do paiz.

« Os bellos sonhos de patriotismo e de desforra desapareceram com M. Paul Derouléde.

« Visto que o nome de M. Derouléde nos sae da penna, tiremos uma reminiscencia da epoca que elle cantou recentemente: aquella em que vivia Duguesclin.

« N'esse momento a França acabava de ser esmagada mais completamente do que foi em Sedan. Greyc, Azincourt e Poitiers, estes tres desastres tinham-se succedido e haviam aniquilado todos os nossos exercitos. Os inglezes tinham conquistado quasi toda a França ameaçada de desaparecer.

« Como tinham attingido este resultado extraordinario, quando a nossa patria era rica e povoada, quando a sua cavallaria era heroica, e os seus soldados valentes, os seus generaes experimentados?

« Porque o rei de Inglaterra tinha sabido formar, nos seus estados, alguma cousa comparavel não ás sociedades de tiro francezas, mas ás sociedades de tiro suizas. Tinha prescripto que dos 16 aos 60 annos, todo o inglez podia ser chamado ás armas; que devia equipar-se, segundo os seus haveres, com couraça, lança e espada e principalmente arco e flechas.

« Em cada communa deviam fazer-se exercicios preparatorios e regulares. Assim os archeiros inglezes — que se tornaram celebres, derrubavam os valentes cavalleiros francezes, atravessavam-nos com as suas flechas e eram a verdadeira causa dos nossos desastres e do nosso abatimento sob o seu dominio durante um seculo proximo. Os archeiros inglezes eram, n'esta epoca, os actuaes atiradores suizos. A sua habilidade era o penhor da victoria.

« Porque rasão estas lições do passado, estes exemplos do presente não tiveram influencia em nós? Porque motivo os nossos governantes não souberam tirar da nossa boa vontade, do nosso patriotismo, o meio de desenvolver uma força nacional que tinham á mão? O Panamá e os caminhos de ferro do sul tem para elles tantos attractivos que qualquer outro fim mais elevado lhes seja vedado?

« Deveriam saber que a força dos imperios não se funda senão na sequencia dos projectos; no esforço commum de todos os cidadãos e na perseverança em attingir o fim. Desgraçadamente os advogados encarregados de representar vezes de mais o paiz em as nossas assembleas exercem, seguindo as tendencias do seu mister, influencia decisiva com algumas phrases sonoras, reminiscencias oratorias, que podem ter o seu valor junto d'um jury, mas que tem muito menos sobre os destinos do paiz.

« Os voluntarios de 93 e esse bello periodo litterario em que bastava bater com o pé no solo da França para fazer surgir batalhões invenciveis, valerem-nos os moveis e os mobilizados de 1870, cuja dedicação foi incontestavel, mas que não eram uma força nacional e organizada. Os homens de estado prussianos tinham outra comprehensão das necessidades da situação quando, depois de Iena, concebiam a idéa da nação armada e proseguiam n'essa realisação durante cincoenta annos, até ao momento em que a machina, que tinham inventado e constantemente aperfeiçoado, lhes permitia esmagar successivamente a Austria e a França.

« Na Suissa, não vemos um pequeno povo fazer-se respeitar de todos, não por um exercito innumeravel, mas por uma população inteira exercitada no mister das armas, nas Sociedades de tiro que reuñem toda a gente e fazem de todos admiráveis atiradores?

« Não sabem que no Transvaal algumas centenas de Boers, atiradores superiores, contiveram e fizeram prisioneiros os piratas inglezes commandados por Jameson?

« Apresento estes exemplos á sua apreciação e á dos seus leitores e peço-lhe que me creia

Seu dedicado collega

Ed. Jautet.»

AS RECOMPENSAS DO TIRO NA ALLEMANHA

O imperador Guilherme acaba de conferir a ordem da Aguia Vermelha a 15 capitães d'infanteria, a 1 capitão de caçadores a pé e a 1 capitão de pioneiros, para os recompensar dos excellentes resultados obtidos, na sua companhia, em 1895, sob o ponto de vista do tiro. Igual distincção foi dada a 5 capitães de artilheria, cujas baterias obtiveram este anno, nas escolas de tiro, resultados excepçoes.

CAÇADA ÀS RAPOZAS

No domingo, 12 do corrente, o grupo de caçadores de Bemfica, fez mais uma caçada a estes manhosos carnívoros.

Dirigia as espingardas o sr. Manoel do Casal da Pedra e os batedores o sr. Bernardo Gonçalves, de Bemfica. Entre outros tomaram parte os srs. Alfredo Cambournac, Manoel da Motta e Cypriano da Serração, espingardas, e batedores, Sebastião da Silva, Antonio José Vicente, Francisco Fontes, Domingos Diogo, etc.

Fizeram-se tres batidas: a 1.^a, entre Fetaes e Mercês, appareceu uma rapoza, que não poudeser alcançada; a 2.^a batida, das Mercês á Ribeira das Jardas, appareceu outra rapoza, que tambem não poudeser alcançada; a 3.^a, começou na tapada do Coelho a Malhapão, d'esta vez o astuto bicho foi morto a tiro pelo sr. Antonio Jacintho, do Sabugo.

Concluida a caçada, todos os caçadores reuniram em casa do distincto caçador o sr. Manuel do Casal da Pedra, onde foi servido o jantar, em que, como sempre acontece nos jantares de caçadores, não faltaram anedoctas.

Brevemente realisa-se nova batida; é altamente importante a destruição que este grupo de caçadores tem feito em tão damnhosos animaes. Que sirva de exemplo.

PREMIO DO IMPERADOR DA RUSSIA

A comissão de organização do 5.^o concurso nacional de tiro em França, pediu, por intermedio do embaixador francez em S. Petersburgo, um premio ao imperador, que, accedendo immediatamente, fez presente á *União das sociedades de tiro de França* d'um Yendova (jarro) de vermeil, para premio do curso.

A comissão decidiu que se agradecesse ao imperador Nicolau II, e que se aproveitasse este magnifico premio para crear uma cathogoria especial para as armas nacionaes no tiro de pé, em que se reunissem os donativos estrangeiros e que o premio do imperador da Russia fosse o premio de honra d'esta cathogoria, reservado para os atiradores francezes.

AS CODORNIZES

RECEBEMOS a seguinte carta d'um nosso estimavel assignante. Damos-lhe publicidade da melhor vontade, como faremos a todas, que nos forem enviadas e estejam nos devidos termos.

«Sr. redactor. — O edital da camara municipal do concelho de Lisboa, auctorisando a entrada de codornizes pelas barreiras da cidade, suggeriu ao sr. A. P. tres perguntas, ás quaes vou tentar responder por ser um d'aquelles a quem o mesmo senhor se dirige.

Diz o sr. A. P.:

«A caça ás codornizes, no tempo defeso, não representa um perigo, e grande, para as creações das outras especies?»

Não, senhor, porque as codornizes caçam-se naservas, e ahí não ha perdzes. E, suppondo mesmo que alguma d'estas aves faça ninho naservas, o

que é raro, estas, ou são para pastagem ou para feno.

No primeiro caso, o gado evita que a incubação se realise por completo; no segundo, ceifando-se o feno muito antes dos perdigos nascerem, o ninho é fatalmente destruido.

Posto isto, já vê o sr. A. P. que o perigo para a caça indigena não é tão grande como imagina, devendo por isso ficar um pouco mais socegado.

Como resposta á segunda pergunta: «Os cães, uma vez mettidos naservas, não dão cabo dos ninhos?»

Tenho a dizer-lhe o seguinte:

Os cães que usamos para caçar ás codornizes não estragam ninhos, e tão convencido estou d'isto, que a ingenua pergunta do sr. A. P. me faz crer que, ou não é caçador, ou, se o é, pertence ao numero dos... platonicos.

Mas supponhamos a peor hypothese, que os cães inutilisam os ninhos das codornizes. Que inconveniente advirá d'esse facto, se nós podemos, se quizermos, matar os progenitores?

Relativamente á terceira pergunta só lhe direi que, sendo os caçadores-amadores os mais acerrimos propagandistas do defeso, podem, com a sua presença, evitar que se mate muita perdiz e se destruam muitos ninhos d'estas aves, chegando os mesmos caçadores a pagar os ninhos que os pastores encontram, sob a condição, porém, de velarem por elles, em vez de lhe comerem os ovos, como geralmente fazem.

Julgando assim ter satisfeito o desejo do sr. A. P., espero, sr. redactor, dever-lhe a fineza de publicar no seu excellente *Tiro Civil* esta mal redigida carta, pelo que lhe ficará summamente reconhecido o que é

De V. etc.

J. W.»

O TIRO DE PÉ

A *Gazette des Carabiniers Suisses* escreve:

«O ultimo numero do nosso jornal contem novamente interessantes correspondencias a este respeito na sua parte allemã.

«Verificamos com prazer que estas correspondencias estão d'accordo conosco n'este ponto: é que se se quer que o tiro de pé seja de novo alguma coisa praticado entre nós, a iniciativa das medidas a tomar com este fim deve partir da Sociedade suissa dos carabineiros. E' o que sempre temos dito, porque os esforços feitos n'este sentido nas sociedades particulares não darão resultado se os atiradores de pé não souberem que lhes é reservado um logar nos tiros federaes. Nunca o tiro de joelhos teria adquirido a extensão exclusiva de qualquer outra posição que tem tomado ha alguns annos, se se houvesse dado nos planos dos tiros federaes alguma protecção a favor dos atiradores de pé.

«Se querem tirar resultado da campanha começada é absolutamente necessario que os seus defensores estejam de accordo entre si para uma proposta simples mais ou menos differente da do visinho. E' esta, segundo a nossa opinião, a primeira condição de exito.

«Os membros da comissão central, dizem-nos estar bem dispostos a este respeito e reconhecerem que alguma coisa se póde fazer; não poderiam ata-

car a questão de mais perto e formular uma proposta para o plano de tiro federal de 1898.»

Como por mais d'uma vez temos dito o *tiro de pé* tende a desaparecer no estrangeiro e contra este deploravel habito do tiro deitado ou de joelhos temos feito toda a possivel propaganda.

No concurso internacional de tiro a realizar por occasião do 4.^o centenario da partida de Vasco da Gama para a India não deverá esquecer este assumpto e á commissão que vae ser encarregada da organização do programma recomendamos com todo o empenho o *tiro de pé* e estamos certos que seremos attendidos; graças aos esforços das associações de tiro civil, o *tiro de pé* é entre nós o mais considerado; que continue a ser e que haja para elle logar especial no concurso de 1897.

O DEFESO

É com prazer que registamos o movimento de propaganda a favor da caça, e sobretudo do *defeso*, tanto nos jornaes de Lisboa como nos das provincias, é incontestavelmente muito superior ao do anno passado. Ao *Tiro Civil* cabe-lhe um bom quinhão d'estes resultados, o que é mais um motivo de proseguirmos na nossa tarefa.

D'O Seculo:

«A guarda fiscal continúa tendo todo o cuidado em evitar que, n'este tempo *defeso*, entre caça pelas portas da cidade. Além d'isso, tendo conhecimento do modo como as perdizes eram passadas, tornou mais minuciosos os seus exames, evitando assim que a lei deixe de ser cumprida.

Aos commandantes dos postos fiscaes foram dadas ordens para os seus subordinados exercerem rigorosa vigilancia, não só para a caça viva, mas tambem sobre a caça morta. Em diferentes postos e nas estações dos caminhos de ferro tem sido feitas bastantes apprehensões.»

Isto que o nosso estimado collega diz, não impediu que, n'um dia da semana passada, viesse um homem em pleno dia, pela rua da Palma abaixo, com um mólho de perdizes mortas! Pois em todo aquelle deserto, não houve um policia, ou um guarda fiscal, que levasse o sujeito até ao Governo Civil.

Outra noticia do mesmo collega:

«Nas visinhanças de S. Pedro de Muel, pequena praia encravada no pinhal de Leiria, ha nada menos do que sessenta ratoeiras empregadas na caça dos coelhos e das lebres. Affirmam-nos que ainda um d'estes dias p. ssados um proprio guarda do pinhal, em vez de reprimir os abusos crueis que ali se perpetram, apanhou tambem á sua conta algumas coelhas prestes a ser mães.

Levamos este caso ao conhecimento do sr. conselheiro Elvino de Brito, certos de que s. ex. providenciará de fórma a acabar por uma vez com semelhante desaforo, como tem acabado com muitos outros nas florestas do Estado, graças á sua enérgica solicitude pelos serviços em que tão dignamente superintende.»

O nosso estimado collega *O Meridional*, de Montemor-o-Novo, traz um artigo assignado *Constante leitor*, que é mais um brado em favor do *defeso*, citando actos de devastação, na caça e nos ninhos, especialmente praticados pelos pastores; são factos conhecidos, mas que muito convém repetir, para que se modifiquem. Em seguida ao artigo vem a seguinte noticia da redacção:

«Em additamento á carta do nosso *Constante leitor*, segundo nos dizem, podemos informar o sr. administrador do concelho, que clandestinamente se offerece e vende caça n'esta villa, quasi todos os dias.

Providencias, pois, e enérgicas.»

D'O Districto, de Setubal:

«Os caçadores irrequietos, sem arte, sem systema, sem escrúpulos, sempre propensos a delinquir e a desobedecer, por espirito de opposição, e porque só elles suppõem saber o que fazem, continuam a resistir ás prescripções do defeso da caça.

Se são sorprendidos, tudo dão por pretexto e tudo lhes serve de desculpa. Ha poucos dias, sorprendido pela policia um d'esses caçadores obscuros e ignorantes, desculpou-se logo que levava a arma para vender. Note-se, porém, que a arma ja carregada e o curioso levava o competente polvorinho e chumbeiro.

Ora, isto não pôde estar ao abuso de caçadores velhaes e traiçoeiros.

O caçador intelligente e consciencioso observa o defeso e vêla até pelo perfeito cumprimento da lei, que imperiosamente foi dictada para dar tempo á multiplicação da caça, que depois o caçador vae encontrar em mór abundancia, quando recommença o periodo dos exercicios venatorios.

Louvouros ao sr. administrador do concelho, que é inexoravel contra os delinquentes, e aos guardas campestres e ruaes, que observam as suas prescripções.»

* *

Na segunda-feira, 13, ás 9 horas da manhã, junto ao cazal d'Atalaya, no logar de a Damaiá, freguezia de Bemfica e concelho de Cintra, andavam tres caçadores com espingardas e dois cães.

Na terça-feira, 14, ás mesmas horas, mais adiante junto ao cazal da Serra andava outro caçador.

Pedimos ao sr. presidente da camara municipal de Cintra e ao sr. administrador do concelho, que dêem instrucções aos regeedores, para que estes não façam *vista grossa*, n'estas transgressões.

AS ARMAS PORTATEIS

Por occasião da exposição de Anvers, o ministro da guerra da Belgica tinha prescripto experiencias comparativas entre as diversas armas portateis usadas na infantaria belga ha um seculo.

Estas armas era: 1.^o — a espingarda silex, modelo 1777; 2.^o — a espingarda de percussão, modelo 1841; 3.^o — a espingarda raiada, modelo 1853; 4.^o — a espingarda Albini, modelo 1853-1867; 5.^o — a carabina Terssen, modelo 1848-1868; 6.^o — a espingarda, modelo 1880.

O calibre das tres primeiras armas era de 17 millimetros e 5 decimos; o calibre das duas seguintes, de 11 millimetros e 65. A carga pesava 9,5 grammas para as duas primeiras; 5,5 grammas para a quarta e quinta; 2,5 grammas para a sexta. O peso da bala era de 27 grammas para as duas primeiras; de 48 grammas para a terceira; de 25 grammas para a quarta e quinta; de 14 grammas para a sexta.

Quanto á justeza a 100 metros, achou-se que o desvio médio em altura das tres primeiras era representado por 17, 26 e 31 centimetros e 6, 4 e 4 centimetros para as outras. A justeza em direcção apresentou os desvios médios de 37, 30 e 34 para as tres primeiras armas, de 8, 4 e 3 para as tres ultimas.

O que seria ainda mais interessante conhecer, é a zona perigosa d'estas diversas armas, de 100 até 400 metros primeiro, de 400 a 1.000 metros em seguida, de modo que se podessem comparar os effeitos mortiferos das armas empregadas em cada uma das guerras passadas e aquellas que hoje estão nas mãos dos soldados.

SOCIEDADE DE TIRO DE LYON

A assembléa geral da Sociedade de tiro de Lyon reuniu no dia 26 de marco ultimo. O relatório do conselho de administração e o dos commissarios de vigilancia demonstraram a excellente situação da sociedade sob o duplo ponto de vista moral e financeiro.

Nos algarismos apresentados á assembléa e relativos ao anno de 1895, o relatório indica mais particularmente tres verbas de despeza: a Escola de tiro (no anno) que reuniu 817 discipulos, custou a quantia de 1.045 francos e 80 centimos; os concursos mensaes publicos, 846 francos e 45 centimos e os campeonatos das Faculdades e Escolas diversas, organisados a titulo gracioso, 465 francos e 80 centimos.

A Sociedade de tiro de Lyon julga corresponder aos desejos de todos empregando d'este modo as subvenções que lhe são concedidas. Além d'isto, durante o anno passado, 22 sociedades de gymnastica obtiveram auctorisação para executar os tiros de carreira, assim como muitas escolas e instituições.

A Escola de tiro será aberta, este anno, em abril, maio e junho, e como precedentemente absolutamente gratuita e os tiros serão dados com a espingarda *Lebel*, a 200 metros.

O concurso de abertura organizado pelo grupo dos atiradores de secção está annuciado para os dias 26 de abril, 2 e 3 de maio. Quanto ao grande concurso internacional que se realizará em maio de 1897 e de que tratam já diversas commissões terá excepcional importancia por causa da sua coincidência com o 25.^o anniversario da fundação da sociedade. Nem todas as associações, principalmente aquellas que tem por unico fim e objecto a educação nacional, vivem um quarto de seculo e comprehendem-se que a Sociedade de tiro de Lyon, fundada em 1872, queira celebrar dignamente as suas bodas de prata.

(Do *Tir National*.)

O ELEPHANTE

(Continuado do n.º 38)

A estrutura d'este orgão maravilhoso é muito notavel. E' um tubo conico, de forma irregular, muito alongado, truncado e dilatado no extremo. O lado superior d'este tubo é convexo e cannelado no sentido da largura; tem duas ordens longitudinaes de pequenas eminencias que se parecem com os pés dos bichos de seda.

A primeira porção da tromba está no ponto que forma a extremidade do nariz nos outros animaes, faz de nariz, visto que o lado inferior serve de labio e as ventas estão dentro.

Effectivamente este orgão é occo no interior e uma divisão separa os dois canaes. No ponto em que estes canaes tocam as paredes osseas que as terminam, e que encerram o orgão do olfacto, são munidos d'uma valvula cartilaginea e elastica que o animal pôde abrir e fechar á vontade.

Esta disposição impede que os liquidos que servem para beber entrem no orgão especial do olfacto.

Entre os canaes internos da tromba e a sua membrana externa, estão implantados numerosos musculos longitudinaes,

transversaes e radiantes, cuja contracção ou dilatação determina movimentos e inflexões as mais repentinas, as mais fortes e as mais variadas.

A tromba termina por uma concavidade, no fundo da qual estão as aberturas das ventas, e cujo bordo é saliente. A parte superior d'este bordo prolonga-se em uma especie de dedo que tem proximamente cinco pellegadas de comprimento. Esta extremidade pega nos objectos com tal delicadeza, que apanha um grão de trigo, uma mosca ou uma palhinha.

As pontas dos elefantes não são outra coisa mais de que os dentes incisivos prodigiosamente alongados. Dirigidos obliquamente para baixo, para deante e para fóra, curvam-se para cima. O comprimento pôde exceder dois metros e meio e pode pezar cincoenta a sessenta kilogrammas, e não saem dos labios.

As presas servem ao elephante de arma offensiva e defensiva. Protegem a tromba, que se dobra na sua curvatura, quando o animal atravessa bosques espinhosos e emaranhados; servem-lhe ainda para afastar e segurar os troncos, quando a tromba vae colher os extremos dos ramos cheios de folhas.

O marfim de que a industria humana faz tão grande uso, e que é tão notavel pela finura do tecido, alvura, dureza e bello polido que pôde dar-se-lhe é a ponta do elephante. A estrutura especial d'este dente permite conhecê-lo facilmente. Na secção transversal das pontas, notam-se strias que vão em circulo do centro para a circumferencia e formam losangos pelo crescimento.

O marfim tem sido empregado pelos homens, a titulo de ornamento, desde os tempos mais remotos. Salomão tinha um throno de marfim coberto de ouro, e o interior de muitas casas opulentas de Jerusalem tinha ornatos de marfim. Homero falla do marfim empregado como objecto de ornamentação. A estatua de Jupiter Olympico, do escultor grego Phidias, era de marfim e ouro. O marfim era, entre os antigos, de preco muito elevado, porque as pontas do elephante não figuravam senão nas mais importantes ceremonias publicas.

O elephante não tem dentes caninos. Os molares compõem-se de certo numero de laminas de tecido osseo, envoltas em esmalte e ligadas por materia cortical.

A enorme cabeça de que acabamos de examinar as diferentes partes, une-se de tal modo ao pescoço que os movimentos são muito circumscripitos e muito difficeis.

A cauda é curta e delgada.

As pernas anteriores não tem clavículas e parecem ser pilares mocissos collocados sob o corpo para sustentar-lhe a pesada massa.

Como os membros posteriores, os ossos estão collocados n'uma posição perpendicular ao corpo e ao solo, o que dá ao animal uma apparencia pesada e incommoda. As pernas anteriores são alem d'isso maiores do que as posteriores, que são muito curtas, e de que a perna propriamente dita, e talvez o Joelho, são os unicos desembarcados do corpo.

Debaixo dos pés ha uma especie de palmilha calosa, bastante espessa para impedir os cascos de tocar a terra.

(Continúa.)

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO